

reportagem cultural

Música ou literatura? Ele escolhe as duas

Juarez Fonseca, especial para o JC

Então: a primeira experiência musical de fôlego, o que pausaria sua trajetória de compositor, arranjador e *bandleader*, foi Arthur de Faria & Seu Conjunto. A partir de 1994, uma trajetória de 21 anos e seis discos lançados. Já vimos o primeiro, *Música pra Gente Grande* (1996). Destaques para *Meu Conjunto tem Concerto*, com a Orquestra Unisinos (2002), *Música pra Bater Pezinho* (2004) e *Música pra Ouvir Sentado* (2010).

Trecho de meu comentário sobre *Música pra Bater Pezinho*, na revista Aplauso: “O disco me fez lembrar os bons tempos do Tropicalismo. Há criatividade contagiante, música sem fronteiras, força poética, respingos vanguardistas e antropofagia. Parece até que o maestro Rogério Duprat e os Mutantes mandaram eflúvios para os rapazes. O Tropicalismo feneceu há 35 anos, mas como seu código genético está vivo na música brasileira não seria fora de propósito atribuir a Arthur a influência, da mesma forma que para ele não seria demérito reconhecê-la, muito pelo contrário”.

Segue: “Mas na verdade não se trata disso. Arthur não é um tropicalista póstumo e sim um músico e líder que desde o início da carreira, há 15 anos, trabalha na direção de uma música que abranja várias músicas, um conceito que reúna também vários. Sempre esteve em busca de um estilo e sempre soube onde NÃO procurá-lo. No resto valia tudo, de Almondéguas a Frank Zappa e Radamés Gnattali, Nino Rota, Tom Waits, Piazzolla, Beatles, Caetano e tal”.

A multiplicidade de interes-

ses de Arthur, para torná-los sua própria música, passaria por outros grupos. Depois do Seu Conjunto, em 2015 veio a Orquestra do Kaos, com formação totalmente nova e jovem: Lorenzo Flach e Eric Endres nas guitarras, Bruno Vargas no baixo e Lucas Kinoshita na bateria, mais a filha Antônia cantando. “Era uma banda de rock que não tocava rock”, define. Mais dois discos, até 2018. Nesse ano vem a Tum Toin Foin.

“Eu queria um grupo para tocar minhas trilhas-sonoras para teatro e cinema, música instrumental, um clima erudito, meio orquestra de câmara meio banda”, resume. Arthur fez música para 22 curtas/médias-metragens e especiais de TV, e 16 longa-metragens, de diretores como Daniela Thomas. Também assinou a trilha de 25 espetáculos teatrais de diretores como Luciano Alabarse, Dilmar Messias e Roberto Oliveira. Algumas saíram em disco, como *Antígona*.

A Tum Toin Foin trazia outras novidades. Arthur: “Já no primeiro ensaio, pensei: achei meu som. Eu tinha 50 anos e no grupo estava gente de todas as idades. A Sabryna Faria (trombone), por exemplo, tem idade para ser neta do Adolfo Almeida Jr. (fagote). E mais a Miriã Farias no violino, Ange Bazzani no outro fagote, Gabriel Romano no acordeom, Thomas Werner na guitarra, Bruno Vargas no baixo, Giovanni Berti na percussão e Guenther Andreas na bateria.”



DIVULGAÇÃO/JC



Ao lado dos amigos Luís Augusto Fischer (frente) e Nico Nicolaievsky



VINÍCIUS ANGELI/DIVULGAÇÃO/JC

Com o Tum Toin Foin, Arthur faz música instrumental unindo elementos de banda e orquestra: “achei meu som”

Antes da primeira apresentação foram 52 ensaios! Meu comentário: “É música popular? É. É música de concerto? É. É música experimental? É. É música de vanguarda? É. Exceto em alguns momentos, a música de Arthur nunca foi de fácil digestão.

Ela perturba ouvidos menos dispostos a entender/curtir aquilo que está fora de expectativas. A Tum Toin Foin ensaiou durante nove meses até esta estreia

no Teatro Renascença. Está pronta? Claro que não, pois a música que faz tem uma complexidade que requer tempo de fermentação. Mas por que ficar pensando no futuro, se a ‘coisa’ recém começou e é muito boa?”.

Resumindo, com composições de Arthur a TTF lançou dois álbuns digitais, em 2022 e 2025, este com a Orquestra de Câmara Teatro São Pedro. Está quase pronto para sair o terceiro, *Tocando os Outros*, com músicas de Black Sabbath a Stravinski, passando por Chico Buarque, Villa-Lobos, Renato Borghetti, Thelonious Monk, Paola Kirst, Carla Bley, Björk.

E nas pausas das atuações dos grupos o maestro faz um recolhimento? Nada, segue com as pautas. Em shows como *É Manso mas não Morde*, só músicas

de Nico Nicolaievsky, a musa Áurea Baptista cantando e o violino de Miriã. Ou em parcerias com o percussionista Fernando Pezão (DuoDenó) e com o também pianista e cantautor Pedro Longes, que resultou no álbum *Canciones com Drama*, de 2025.

Mais: dirigiu e fez arranjos para muitos espetáculos de música. O mais recente (2025) foi *Ela Disse-Me Assim*, com as cantoras Loma, Paola Kirst, Denizeli Cardoso, Andrea Cavalheiro e Glau Barros interpretando Lupicínio Rodrigues, sob direção de Luciano Alabarse. Teve peças interpretadas pelas principais orquestras do Rio Grande do Sul: a Orquestra Sinfônica de Porto Alegre (Ospa), a Orquestra Unisinos e a Orquestra de Câmara da Ulbra. Em 2022 a Ospa estreou seu *Concertino para Trombone e Orquestra*, com o trombonista José Milton Vieira.

Ele é incansável. A grande cantora paulista Cida Moreira, com quem já se apresentou algumas vezes, brinca que “deve botar alguma coisa na água” para motivar tanta gente a trabalhar com ele. Então: com o próprio trabalho de compositor, pianista e arranjador são 20 álbuns, a maioria lançada em CD, os mais recentes digitais. Vale registrar que as gravações com o Conjunto e a TTF têm algumas (poucas) variações de integrantes.

Seu portfólio ainda registra participações como instrumentista e/ou arranjador ou compositor em cerca de 40 CDs e DVDs, mais shows, daqui e de outros

estados: Siba, Nei Lisboa, Ultramen, Maurício Pereira, Papas da Língua, Vanguard, Zeca Baleiro, Premê, Edson Natale, MPB-4, Bebeto Alves, Julio Reny, Wander



DIVULGAÇÃO/JC

Wildner, Odair José, Apanhador Só, Grupo Fato, Alessandra Leão, Marcelo Delacroix, Fernanda Takai, a própria Cida...

Também compôs em parceria com alguns desses e Vitor Ramil, John Ulhoa (Pato Fu), Daniel Galera, Hique Gomez, Frank Jorge, Jimi Joe, Antônio Villeroy, Luciano Albo, Adriana Deffenti, Vanessa Longoni, Dudu Sperb, Nina Nicolaievsky (filha de Nico com Márcia do Canto, atriz de *Bailei na Curva*, sucesso histórico do teatro gaúcho), o argentino Omar Giammarco...

